

## GÍRIA, UMA ALIADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIROS

*Emerson Salino (PUC-SP)*

[ipsalino@uol.com.br](mailto:ipsalino@uol.com.br)

*João Hilton (PUC/SP)*

### RESUMO

A língua sofre constantemente uma invasão de novos vocábulos que passam, com o tempo, a fazer parte de nossas vidas. Muitas vezes, essas palavras somem, e se tornam retrógradas por causa de sua idade, de sua localidade e da época em que foi criada. Essas palavras e expressões são chamadas de gírias. Muitas palavras são alteradas e adaptadas, dependendo do grupo em que estão inseridas, pois é muito comum a transformação desses vocábulos, primeiro, talvez, por uma questão de abreviação e, em seguida, por uma questão de identificação do próprio grupo, marcando assim seu território. Às vezes, entendemos que a gíria se tornou um discurso marginal, simplesmente pelo fato de ter aparecido, primeiramente, entre marginais: ladrões, camelôs, mascates, (pessoas marginalizadas pela sociedade). Os grupos de falantes de gírias foram crescendo, cada um no seu estilo, deixando suas marcas linguísticas. O uso de gírias passou a fazer parte do ensino de português para estrangeiros da região do Pari – São Paulo. Os grupos vão se fundindo: imigrantes e brasileiros passam a compartilhar da mesma linguagem, por afinidades criadas no próprio grupo. A gíria, de certa forma, aproxima-se da juventude e auxilia no aprendizado de “língua social”. Estrangeiros e brasileiros passam a compartilhar da mesma linguagem, por afinidades criadas no próprio grupo e passa a ser essencial na formação de língua para estrangeiros adolescentes.

**Palavras-chave:** Gíria. Ensino. Língua portuguesa. Português para estrangeiro.

### *1. A região do Pari – Brás em São Paulo.*

A região do Brás e do Pari, na cidade de São Paulo, foi marcada pela quantidade de estrangeiros que recebeu durante muitos anos, e pelos diferentes grupos de falantes que nela se instalou. Mas, foram nas décadas de 80 e principalmente 90, com a expansão do comércio tecnológicos

e têxteis que esses bairros foram atraídos por coreanos e libaneses, que encontraram ali, um ambiente adequado e uma forma de ganhar dinheiro.

Muitas famílias vieram para o Brasil e junto com elas um pequeno dicionário para poder fazer suas primeiras comunicações. Os jovens e as crianças passaram a frequentar escolas brasileiras e precisaram adaptar-se não só à língua falada, mas principalmente a escrita que é totalmente diferente da deles.



## 2. *A gíria e o falante estrangeiro*

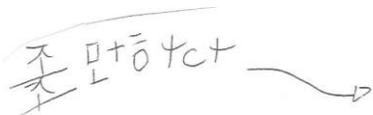
As crianças e os jovens estrangeiros, principalmente os coreanos e os libaneses, que representam sua maioria nessa região, ao chegarem às escolas brasileiras se depararam-se com um problema ainda maiores que aprender o português: aprender as gírias faladas por seus colegas de sala, visto que esse é o primeiro contato linguístico que elas recebem. Sendo assim, as dificuldades em trabalhar com a linguagem tomam outra proporção pelo simples fato de haver um grupo secundário com outras expressões criadas e modificadas a cada momento.

De acordo com Horton e Hunt há diferentes significados de grupo na literatura sociológica: “numa primeira acepção, o termo denota qualquer reunião física de pessoas (...) e numa terceira, o termo define grupo como diversas pessoas que partilham de padrões organizados e de interação recorrente”.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Seus dicionários eram insuficientes para tanta informação que atravessavam seus poucos conhecimentos língua, mas o desejo de aprender crescia entre esses grupos de estrangeiros, e a necessidade de participar desse novo grupo de falantes era essencial.

Os coreanos são mais receptivos a esse estilo de fala (gíria). Acreditamos que isso se deve a liberdade que ambos encontraram nesse país e a possibilidade de terem uma livre comunicação, sendo aceitos com naturalidade. Eles se adaptaram rapidamente aos vocábulos apresentados pelos colegas e têm bastantes facilidades de aprender as gírias e passam a expressá-las com mais frequência do que os libaneses. Aceitam as brincadeiras e não têm vergonha de perguntar significados a seus colegas brasileiros, que também se sentem bastantes à vontade para perguntar gírias e palavrões em coreano.



- (que pequeno)- Quando um homem não é bom de cama



- (tomou vento)- foi traído, levou um fora de alguém



- (fodeu) -alguém aprontou algo errado e será castigado



-(tem muito)- O "ganhão", está com Namorada nova sempre.

O português culto torna-se extremamente difícil, tanto na fala como na escrita e leva um longo tempo para a assimilação de significados, o que a princípio não acontece com algumas expressões gírias, e isso se

dá pela necessidade de interação entre os estrangeiros e o grupo de alunos do colégio.

Parece que há uma confusão muito grande em tudo isso. A verdade é que os estudos mais modernos desse fenômeno vêm apontando, nos últimos anos, uma ampliação do uso de gíria em todo mundo. Como e por que teria o emprego da gíria ganhado tal amplitude, em especial na linguagem das grandes cidades? (PRETI, 2000)

Os libaneses apresentam-se mais reservados, não se misturam muito aos grupos já existentes e apesar das liberdades que o país oferece, devido a sua religião, muçumana, são bastante discretos e extremamente educados. Porém não estão isolados das gírias e também sofreram suas influências e consequências no dia a dia. Alguns, principalmente os meninos se adaptaram com mais rapidez aos novos vocábulos e passam a falar gírias mais comuns e com maior naturalidade. As meninas evitam ao máximo utilizar palavras que não sejam consideradas corretas dentro de um padrão culto, mas também falam gírias por estar dentro de um contexto, o que acaba por ser algo natural. Elas não têm o hábito de falar palavrões e se percebem certa malícia na gíria ouvida, evitam repeti-la.

Há também suas próprias gírias e expressões usadas em seu país de origem, mas que nem sempre o erotismo, a “sacanagem” faz parte delas. O pecado e o castigo é algo muito marcante nesse grupo.

O que, muitas vezes, deveria ser ruim para a formação da língua portuguesa desses alunos passa a ser uma grande curiosidade e aceitabilidade para outros alunos brasileiros que convivem junto a eles, ou seja, há uma troca de gírias e expressões gírias que passam a circular no grupo escolar.

O estudo da norma lexical pode ser feito segundo duas perspectivas: a puramente linguística, em que se leva em conta a lexicalidade dos vocábulos produzidos pelos falantes dentro das regras da sintaxe lexical, isto é, os processos de composição e derivação; e a social em que se observam os graus de aceitabilidade dos vocábulos, considerando-se uma série de fatores de natureza extralingüística, diretamente relacionada ao grupo a que pertence os falantes. (CASTILHO, 1989)

Os grupos vão se fundindo: estrangeiros e brasileiros passam a compartilhar da mesma linguagem por afinidades criadas no próprio grupo. E algo que não é tão comum, passa a ser essencial na formação de língua para estrangeiros adolescentes.

Algumas palavras e expressões os libaneses também trouxeram de seu país de origem e usam com seus grupos primários até hoje:

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Ali* – Nome próprio (para nós demonstrativo) – também usado para dar broncas

*Ahlam* – usado como “Não viaja”

*Almijen* – significa que precisa ficar esperto com o que faz

*Halskain* – seria, tô fora, sai dessa.

Quando perguntamos, tanto para os coreanos como para os libaneses, como faziam para entender as gírias, muitos disseram que primeiro perguntavam a um amigo da mesma nacionalidade e depois relacionavam aquela palavra com o contexto em que ela fora inserida, o que não era fácil, pois muitas vezes nem os próprios conterrâneos sabiam informá-los. Passavam, assim, a perguntar para outros colegas da escola. Depois desse processo, usar as palavras e expressões tornava-se algo natural. Podiam não saber o significado e nem a origem, mas os fazia sentir parte do grupo.

### **3. Conclusão**

Com base nesses relatos e nas apresentações feitas pelos alunos, suas dificuldades e influências; pode-se concluir que o grupo secundário, está diretamente ligado ao primário, pois, todo conhecimento absorvido é levado para suas casas e espalhados em suas comunidades.

Podemos também observar que dentro do colégio existem subgrupos bem marcados, principalmente nos intervalos onde os grupos se reúnem e claramente conversam em suas línguas de origem, que também apresentam gírias e não há como traduzi-las em nosso idioma.

Com isso, dentro desse grupo secundário no colégio, encontramos pequenos grupos que podemos considerar primários no sentido linguístico.

Gíria existe em qualquer língua viva. A necessidade de comunicação faz com que ela passe a ser a primeira referência de grupo para as crianças e os adolescentes dentro de uma escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PRETI, Dino; HURBANO, Hudnilson. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, vol. III. São Paulo: Humanitas, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). *Estudos de língua escrita*, vol. V. São Paulo: Humanitas, 2000.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1989.